



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	Conjugalidade, coparentalidade e parentalidade: repercussões em sintomas internalizantes e externalizantes de crianças e adolescentes
<b>Autor</b>	PRISCILA EINSFELD
<b>Orientador</b>	CLARISSE MOSMANN
<b>Instituição</b>	UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Nos últimos anos, diversas pesquisas investigam as repercussões de características do funcionamento familiar no desenvolvimento infantil. Esses estudos demonstram que aspectos da conjugalidade, coparentalidade e da parentalidade se refletem no comportamento dos filhos, entretanto o caráter e as direções destas relações ainda não foram suficientemente explicados. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar as possíveis associações entre as relações conjugais, coparentais e parentais e problemas emocionais e de comportamento dos filhos. Realizou-se um estudo descritivo de caráter quantitativo e transversal, com 200 sujeitos (100 homens e 100 mulheres) residentes no estado do Rio Grande do Sul selecionados pelo critério de conveniência, através dos próprios assistentes de pesquisa. A idade média dos participantes foi de 41,81 anos (DP= 7,82), sendo a idade mínima 22 anos e a máxima 66 anos. Dos respondentes, 81,5% eram casados oficialmente, 18% estavam em união estável, 91% estavam na primeira união e 8% eram recasados. O tempo mínimo de união dos participantes foi de 4 anos e o máximo de 36 anos, com tempo médio de 18,26 anos (DP=6,68). A média do número de filhos dos participantes foi de 1,66 (DP= 0,70), sendo que 91,5% possuíam entre um e dois filhos. O filho sobre o qual os participantes responderam ao questionário tinha idade média de 11,3 anos (DP=4,25), sendo 59,5% do sexo masculino e 40,5% do sexo feminino. O instrumento utilizado constituiu-se de um questionário sobre dados sócio-demográficos; duas escalas que avaliam as relações conjugais: Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Conjugal- Faces III (Olson, 1979, validado por Falceto, 1997) e Escala de Conflito Conjugal (Buehler & Gerard, 2002, adaptada por Mosmann, 2007); uma escala que avalia a parentalidade: Escala de Práticas Parentais (Teixeira, Oliveira & Wottrich, 2006); uma escala que avalia a coparentalidade: Escala de Relação Coparental - ERC (Feinberg, Brawn & Kan, 2012, traduzida por Lamela e Figueiredo, 2010); e uma escala que avalia os sintomas psicológicos em crianças e adolescentes: *Child Behavior Checklist - CBCL* (Achenbach, 2001, traduzido e adaptado por Santos & Silveiras, 2006). Realizou-se o teste da Correlação Linear de Pearson o qual indicou correlações significativas negativas e positivas, entre sintomas externalizantes e internalizantes apresentados pelos filhos mensurados pelo CBCL. Os sintomas externalizantes associaram-se positivamente e significativamente ao conflito conjugal ( $p<0,01$ ;  $r=0,307$ ), prática parental de intrusividade ( $p<0,01$ ;  $r=0,385$ ), exposição ao conflito coparental ( $p<0,01$ ;  $r=0,453$ ) e competição coparental ( $p<0,01$ ;  $r=0,451$ ), por outro lado indicou associação negativa e significativa com adaptabilidade conjugal ( $p<0,01$ ;  $r=-0,351$ ), suporte coparental ( $p<0,01$ ;  $r=-0,324$ ), acordo coparental ( $p<0,01$ ;  $r=-0,413$ ) e aprovação coparental ( $p<0,01$ ;  $r=-0,361$ ). Os sintomas internalizantes obtiveram correlação positiva e significativa com competição coparental ( $p<0,01$ ;  $r=0,396$ ) e correlações negativas e significativas com adaptabilidade conjugal ( $p<0,01$ ;  $r=-0,339$ ) e acordo coparental ( $p<0,01$ ;  $r=-0,335$ ). Estes resultados demonstram que os sintomas dos filhos relacionam-se com a natureza da interação dos pais. Observa-se que um ambiente familiar hostil, incluindo conflitos entre o casal, competição quanto ao exercício da parentalidade e prática parental intrusiva reverberam em comportamentos agressivos e problemas de conduta. Enquanto baixos níveis de adaptabilidade conjugal, uma característica por vezes velada no clima familiar, interfere também de forma implícita nos sintomas internalizantes. Desta forma, estes achados reforçam a importância de assumirmos as relações familiares como fatores de risco e proteção para o desenvolvimento dos filhos.